

15º Congresso de Inovação, Ciência e Tecnologia do IFSP - 2024

O QUE A SOCIEDADE DISTÓPICA DE *FAHRENHEIT 451* REVELA SOBRE A SOCIEDADE ATUAL?

GIULIA TIEMY PANTANO NAGATA¹, AENDER LUIS GUIMARAES², ALIANA LOPES CÂMARA³

1 Aluna do curso Técnico em Edificações Integrado ao Ensino Médio, Bolsista PIBIFSP, IFSP, Câmpus Votuporanga,

giulia.nagata@aluno.ifsp.edu.br

2 Professor EBTT de História, IFSP, Câmpus Votuporanga, aenderguimaraes@ifsp.edu.br

3 Professora EBTT de Língua Portuguesa, IFSP, Câmpus Votuporanga, aliana@ifsp.edu.br

Área de conhecimento (Tabela CNPq): 8.02.08.00-2 Literaturas Estrangeiras Modernas

RESUMO: Este estudo analisa a obra literária *Fahrenheit 451*, de Ray Bradbury. Nesta obra distópica, desenha-se uma sociedade autoritária em que os bombeiros desempenham uma função totalmente oposta à tradicional: ao invés de impedir a propagação do fogo, são responsáveis por queimar livros não permitidos pelo governo instituído. Montag, personagem principal da obra, é um bombeiro totalmente consciente da sua responsabilidade como eliminador dos livros, os quais ainda são escondidos clandestinamente por habitantes do local que ousam afrontar a ordem imposta. Ao longo da narrativa, o leitor se depara com as dúvidas e os questionamentos constantes de Montag sobre o real perigo dos livros para a sociedade; em especial, quando encontra pessoas capazes de dar a vida pelo amor aos livros. A manipulação das pessoas por meio da censura de obras que possam trazer informações perigosas para um sistema autoritário não é novidade na História Mundial. Dessa forma, buscamos, primeiramente, compreender como o controle de informação por governos autoritários atuou em diferentes momentos da História. Na sequência, pretendemos analisar os mecanismos de controle informacional na obra literária e refletir sobre as aproximações entre a sociedade distópica de Ray e a nossa sociedade atual.

PALAVRAS-CHAVE: distopia; controle de informação; sociedades autoritárias; destruição de obras literárias.

WHAT DOES FAHRENHEIT 451'S DYSTOPIC SOCIETY REVEAL ABOUT TODAY'S SOCIETY?

ABSTRACT: This project analyzes the book *Fahrenheit 451*, from Ray Bradbury. In this dystopian novel, there's an authoritarian society wherein the firefighters perform a function totally different to the traditional one: instead of stop the fire, they are the ones responsible to burn books that are forbidden by the government. Montag, the main character of the book, is a fireman totally aware of his responsibility as a book destroyer. These books are kept secretly by people who defy the imposed order. Throughout the narrative, the reader is faced with Montag's constant doubts and questions about the real danger of books for society; especially when he finds people capable of giving their lives for the love of books. The manipulation of people through the censorship of works that could bring dangerous information to the system that tries to maintain itself authoritarially is nothing new in World History. In this way, we seek, firstly, to understand how the control of information by authoritarian governments acted at different moments in History. Next, we intend to analyze the mechanisms of informational

control in literary works and reflect on the similarities between Ray's dystopian society and our current society.

KEYWORDS: Dystopia; informational control; authoritarian societies; destruction of books.

INTRODUÇÃO

A queima de livros é uma forma de controle social muito utilizada por vários governos despóticos na história. Por exemplo, no governo nazista, no dia 10 de maio de 1933, piras eram acendidas em Berlim e em outras 21 cidades alemãs. Desde o *Manifesto Comunista*, de Karl Marx, até a Teoria da Relatividade Geral, de Albert Einstein, todos os livros que foram considerados como ‘não alemães’ eram reduzidos às cinzas (History Channel Brasil, 2020). Com efeito, a fumaça invadia o céu enquanto livros, da lista de mais de 3,5 mil obras banidas pelos nazistas, eram queimados (Sproer, 2023). Mas por que queimar livros? Bom, a censura se vê necessária para a manutenção do poder estabelecido: “com constância, o exercício do controle social pela força se deu pelo uso das chamas sobre os livros pelas autoridades constituídas.” (Oliveira; Bartholo, 2018, p. 41). Destarte, controlar os livros é controlar parte da sociedade. É poder escolher que tipo de discurso chegará aos ouvidos das pessoas. *Fahrenheit 451*, obra distópica analisada nesta pesquisa, apresenta um mundo no qual um governo totalitário se estabeleceu e utiliza várias formas de controle social, sendo a mais famosa delas a queima de livros por bombeiros. As distopias, nascidas no século das Guerras Mundiais, analisam “as sombras produzidas pelas luzes utópicas” (Hilário, 2013, p. 205). Portanto, ao olhar para o que veio depois da era de esperança no desenvolvimento humano, percebe-se que o que foi esperado de um mundo melhor ficou longe de se realizar e a distopia traz um pessimismo e traz os “sintomas” de “descrença, crítica e incredulidade [...] dessa grande era de incertezas que se amplia contaminando o imaginário coletivo” (Bentivoglio, 2020, p. 392). Dessa forma, buscamos entender como a obra representa mecanismos de controle da Literatura, que preveem mecanismos similares aos usados na sociedade atual para o controle e a redução da qualidade informacional.

MATERIAL E MÉTODOS

Neste projeto, analisamos a obra *Fahrenheit 451*, de Ray Bradbury. O título da obra representa uma escala de temperatura que equivale a aproximadamente 233 graus Celsius e se refere à temperatura em que o papel pega fogo. No romance, a alienação é a base da sociedade distópica e, por isso, os livros foram banidos e a leitura restrita apenas a manuais técnicos e entretenimento que ajudam a alienar as pessoas, o que materializa o apagamento histórico da literatura.

Para análise da obra, parte-se aqui do pressuposto de que, por meio da literatura, podemos pensar o social, problematizando-o (Hilário, 2013). A literatura cria uma sociedade que reflete questões importantes para compreensão do mundo em que os personagens se situam, o que nos permite uma análise crítica do nosso próprio mundo. Afinal, a crise ambiental e climática, a crise econômica, o crescimento populacional, o belicismo, a fome, como elenca Bentivoglio (2020), são eventos capazes de provocar a morte de uma grande quantidade de pessoas e talvez a destruição da própria humanidade. Neste sentido, Vieira (2020) aponta três possíveis interpretações para essa situação: os utópicos acreditam que o cumprimento da agenda moderna pode barrar esses eventos trágicos; os pós-modernos positivos acreditam que ações heroicas do ativismo coletivo irão combater esses problemas; e os pós-modernos negativos acreditam no trágico fim da humanidade.

Assim, nossa análise busca entender os “efeitos de barbárie” (Mattéi, 2002, apud Hilário, 2013, p. 212) que são descritos em *Fahrenheit*, buscando analisar suas origens e suas consequências, estabelecendo um paralelo com nossa realidade atual. Assumimos, com o autor, que o efeito de barbárie surge quando ações ou instituições, ao invés de elaborarem o sentido, destroem-no ou consomem-no.

Segundo Iser (apud Oliveira; Bartholo, 2018), a interação entre o autor e o leitor produz um efeito de catarse literária, que surge quando o leitor se depara com conflitos que extinguem as normas pré-estabelecidas e consideradas como certas, causando estranhamento no que era familiar para o leitor, o que o leva a um questionamento sobre seu próprio mundo.

Oliveira e Bartholo (2018) afirma que a ficção científica é considerada como “subliteratura”, algo voltado para as massas e, assim, não digna de ser objeto de estudo. Seus críticos dizem que há uma linguagem muito simples e pouca elaboração em sua forma, não tendo valor acadêmico. Por isso, quando se vai trabalhar com uma obra de ficção científica, é importante que foquemos nos elementos diegéticos, e não em sua estrutura narrativa. Desse modo, tiraremos proveito da mensagem que a obra quer nos passar. Logo, a linguagem das obras de ficção científica dispensa uma grande formalidade e é mais próxima de nosso cotidiano. O significado da distopia é mais importante que a complexidade da linguagem. Tudo é feito para aproximar o leitor do mundo fictício criado e, dessa maneira, atingir o objetivo do autor de fazer com que o leitor estabeleça relações entre aquele mundo fictício e o seu próprio mundo.

A partir desses pressupostos, analisamos a obra literária, buscando compreender como a obra constrói um mundo em que o conhecimento deve ser controlado por ser considerado perigoso. Além disso, traçamos um paralelo com a atualidade, procurando entender as novas formas de controle e de redução do conhecimento e quais as possíveis consequências disso para a humanidade. Na próxima sessão, expomos os resultados da análise.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Assim como em muitos governos autoritários na história, na sociedade da obra de Ray Bradbury, os livros são proibidos e perseguidos pelas autoridades. Os livros são considerados perigosos, como uma ameaça para as pessoas que estão no poder, principalmente por causa do conhecimento que eles trazem.

Nesse mundo, os bombeiros assumem uma função contrária ao que têm na nossa realidade: ao invés de apagar incêndios, colocam fogo nos livros quando recebem uma denúncia, uma vez que os livros nessa sociedade são proibidos. Dessa maneira, esses bombeiros são, na prática, agentes de censura e controle da informação. Outra forma de controle social muito utilizada nessa sociedade é a tecnologia. As pessoas passam boa parte da sua vida em um estado de torpor em frente às telas, muito parecidas com a nossa televisão, as quais possuem um roteiro já programado e servem como forma de alienação.

Guy Montag é o protagonista dessa história. Ele é um desses bombeiros que queimam livros assim que recebem uma denúncia, e estava perfeitamente contente com sua vida até que dois acontecimentos irão mudá-lo completamente. O primeiro acontecimento que marca a vida de Montag é a amizade dele com uma garota chamada Clarice. Ela é um verdadeiro ponto fora da curva dessa sociedade. Gosta de observar e refletir sobre o mundo ao seu redor, algo extremamente raro nessa sociedade. Certas falas de Clarice revelam essa capacidade de analisar o mundo ao seu redor: “Aposto que sei de mais uma coisa que você não sabe. De manhã, a grama fica coberta de orvalho” (Bradbury, 2012, p. 27). Nota-se que ela presta atenção até mesmo na grama no chão.

Ela também não se deixa levar pelas tecnologias e outras formas de alienação dessa sociedade. Isso é confirmado por suas palavras: “Eu raramente assisto aos ‘telões’, nem vou a corridas ou parques de diversão. Acho que é por isso que tenho tempo de sobra para ideias malucas” (Bradbury, 2021, p. 27). Portanto, ao ficar longe das telas, que consomem muito tempo, Clarice pode exercitar seu pensamento.

O segundo acontecimento se passa quando ele vai atender uma denúncia em uma casa. Vai acontecer algo completamente inesperado: depois de terem molhado tudo com querosene, os bombeiros falam à mulher para sair da casa, para poderem colocar fogo em tudo e acabar com os livros. Ela, porém, se recusa a sair, acende um fósforo e ela mesma coloca fogo em tudo, se queimando viva junto com seus livros.

Isso deixará Montag extremamente perturbado. Ele começa a pensar que deveria existir algo muito importante nesses livros, a ponto de levar uma pessoa a se matar por eles, e os bombeiros, como ele próprio, simplesmente queimavam tudo em poucos segundos.

Depois desses acontecimentos, Guy Montag percebe a razão da sua infelicidade, que vem do fato de seus relacionamentos não terem sentido. Ademais, percebe que a natureza de seu trabalho é perversa, pois deve haver algo muito importante nos livros que leva algumas pessoas a até mesmo morrerem por eles. Ficando perturbado com todos esses pensamentos, Guy Montag decide não ir ao trabalho e seu chefe, o capitão Beatty, decide ir checar na casa dele para ver se está tudo bem.

Quando encontra seu subordinado, o capitão decide explicar a ele a história da sociedade na qual estão. O que Beatty fala é esclarecedor e nos ajuda a compreender nosso próprio mundo. De várias reflexões que podemos fazer, selecionei algumas que achei especialmente interessantes.

Primeiro, temos que a escola, sendo idealizada como uma forma de espalhar conhecimento e formar um pensamento crítico nos jovens, se tornou um instrumento para difundir a alienação entre os mais jovens. O capitão Beatty diz: “Com a escola formando mais corredores, saltadores, fundistas, remendadores, agarradores, detetives, aviadores e nadadores em lugar de examinadores, críticos, conhecedores e criadores imaginativos, a palavra “intelectual”, é claro, tornou-se o palavão que merecia ser.” (Bradbury, 2021, p. 81). A escola, como parte da sociedade, reflete seu total desinteresse e negligência pelo conhecimento. E, sem a função de desenvolver o intelecto de seus alunos, são as tarefas físicas que restam para eles. É claro que esse tipo de trabalho é importante, porém eles desumanizam esses jovens ao colocá-los como robôs que realizam tarefas mecânicas.

De modo similar, o Brasil enfrenta um grande problema com a educação. Em um teste de criatividade realizado pelo PISA, um programa de avaliação internacional de estudantes, em 2024, o Brasil ficou entre os 15 piores de 57 países avaliados (Alfano, 2024). E em vários outros rankings, inclusive o de investimento na educação, o Brasil ficou abaixo da média. Portanto, podemos comprovar uma clara falha no nosso sistema educacional, que não consegue desenvolver a criatividade e a inteligência nos seus alunos, tal como na sociedade distópica.

Em segundo lugar, o capitão explica a intensa busca por prazer e satisfação imediata na sociedade distópica. Todos têm que estar sempre “felizes” e se sentindo bem consigo mesmos. Na busca por esse estado constante de felicidade, a governo justifica e legitima a necessidade da censura que empreende.

Uma parte dessa censura é explicada por essas palavras de Beatty: “Os negros não gostam de *Little Black Sambo*. Queime-o. Os brancos não se sentem bem em relação a *Cabana do pai Tomás*. Queime-o. Alguém escreveu um livro sobre o fumo e o câncer de pulmão? As pessoas que fumam lamentam? Queimemos o livro. Serenidade, Montag. Paz, Montag.” (Bradbury, 2021, p. 83). Com isso, podemos ver que certas informações são censuradas por desagradarem certos grupos da sociedade. Assim, todos podem viver em paz, mesmo que isso signifique que informações importantes como a relação entre o fumo e o câncer de pulmão serão perdidas. O único grupo da sociedade que deve ser desagradado e perseguido são os “estranhos” e “antissociais”, como Clarice, pessoas que acabam perturbando outras com suas ideias.

Na nossa atualidade, cada vez mais, casos polêmicos de censura a livros em nome do politicamente correto surgem. Para não desagradar grupos específicos da nossa sociedade, partes de livros que poderiam ser ofensivas são alteradas. Um caso desses são das obras da famosa escritora de romance policial Agatha Christie, as quais tiveram trechos editados e até mesmo completamente apagados de suas obras. Por exemplo, o título de um livro, antigamente conhecido como “*O caso dos dez negrinhos*”, foi alterado para “*E não sobrou nenhum*”, e na coletânea de contos “*Os casos finais de Miss Marple e outras duas histórias*”, a palavra “nativo” foi substituído por “local” e uma passagem que descreve um servo como negro foi editada para não conter nenhuma referência a sua raça (Owoseje, 2023).

É óbvio que racismo é crime e deve ser tratado como tal, sendo completamente incompatível com uma sociedade que busca ser mais justa e igualitária. Entretanto, apagar passagens de livros é uma maneira muito simplória e ineficaz de se lidar com um problema histórico tão complexo como o racismo. A escritora Agatha Christie foi racista, refletindo o pensamento dominante da época, e a censura de suas obras não mudará isso e tampouco conseguirá mudar o pensamento racista da nossa sociedade. Neste sentido, uma análise crítica de suas obras, explicando como os negros, e outras etnias não brancas, a partir de uma perspectiva histórica, são representados nas artes, pode ser uma ação muito mais efetiva para combater o preconceito do que simplesmente fingir que não existiu racismo.

Por outro lado, nem sempre é necessário que se acabe com informações para censurar. Na sociedade de *Fahrenheit 451*, um excesso de informações – elas são vistas pelas pessoas de uma forma muito rápida-, é usado para afastar as pessoas de pensar no que realmente importa. As palavras do chefe de Montag dizem: “Encha as pessoas com dados incombustíveis, entupa-as tanto com ‘fatos’ que elas se sintam empanzinadas, mas absolutamente ‘brilhantes’ quanto a informações. Assim, elas imaginarão que estão pensando, terão uma sensação de movimento sem sair do lugar.” (Bradbury, 2021, p. 84) Dando essa inundação de fatos para as pessoas, junto com uma incrível velocidade com a qual eles chegam e saem, não sobra espaço para que elas pensem em qualquer coisa que seja desagradável. Da mesma forma, vídeos com uma média de 15 segundos são a marca de várias redes sociais tão comuns

hoje em dia. Assim, uma pessoa pode ter acesso a quatro informações completamente diferentes por minuto.

Além disso, um estudo realizado por cientistas revela o efeito viciante que esse tipo de modelo de conteúdo tem no cérebro. Esses vídeos são capazes de acessar uma parte do cérebro chamada de área tegmental ventral (ATV), que é um dos principais dopaminérgicos e é considerado o início do circuito de recompensa e responsável por liberar a dopamina. Portanto, ao assistir a um vídeo, seu cérebro libera dopamina, o que faz com que você se sinta feliz e satisfeito. E, quando essa sensação passa, seu cérebro a busca de novo e você fica viciado (Yoneshigue, 2022).

Enfim, depois desses acontecimentos e dessa conversa com o seu chefe, Montag consegue perceber e, até mesmo, se livrar das ferramentas de controle social usadas em seu mundo ao se rebelar contra o sistema. Como vimos, sua história é um convite para que também analisemos as estratégias de censura e alienação usadas hoje em dia.

CONCLUSÕES

Governos autoritários, ao longo da História, com frequência veem os livros como algo perigoso e acabam censurando-os visando a sua manutenção no poder. Todas as semelhanças que podemos encontrar no livro *Fahrenheit 451* não podem ser encaradas como meras coincidências. Conforme já falado, a obra de Ray Bradbury é uma distopia, gênero literário que muitas vezes apresenta elementos como governos despóticos, censura, violência, miséria, desigualdade, opressão e alienação. Tais temas, geralmente encontrados nas obras distópicas, refletem problemas que são encontrados na nossa sociedade. Assim, podemos dizer que a distopia irá criticar a nossa sociedade ao estabelecer uma comparação entre a nossa realidade e uma sociedade fictícia (Viera, 2020). Ainda segundo Hilário (2013), as distopias funcionam como um “aviso de incêndio”, alertando-nos sobre tendências perigosas que possuímos para detê-las antes que seja tarde demais. Dessa forma, a distopia surge como uma forma de criticar a nossa realidade falando de um possível futuro. Nesse futuro, nossas tendências ruins passaram do limite e por isso surgiu um mundo doente que precisa urgentemente de uma mudança drástica. O objetivo do escritor é que possamos identificar na distopia a nossa realidade e, assim, façamos o que for preciso para que o que ele imaginou não aconteça.

CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES

Todos os autores, Giulia Tiemy Pantano Nagata, Aliana Lopes Câmara e Aender Luis Guimarães contribuíram de forma igual e aprovaram a versão submetida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao PIBIFSP pelo financiamento desta pesquisa, a minha mãe e meu pai por seu apoio e aos meus orientadores.

REFERÊNCIAS

ALFANO, Bruno. Brasil fica entre os piores em teste de criatividade do PISA; conheça as questões. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/educacao/noticia/2024/06/18/brasil-fica-entre-os-piores-em-teste-de-criatividade-do-pisa-conheca-as-questoes.ghtml> Acesso em 24 de agosto de 2024

BRADBURY, Ray. **Fahrenheit 451**. 4 ed. São Paulo: Biblioteca Azul, 2020.

BENTIVOGLIO, Júlio. **O futuro das utopias e das distopias em tempos presentistas**. 2020. p. 390-404.

HILÁRIO, Leomir Cardoso. Teoria crítica e Literatura: a distopia como ferramenta de análise radical da modernidade. **Anu. Lit.**, Florianópolis, v. 18, n. 2, p. 201-215, 2013.

OLIVEIRA, Maria Flores Seixas de; BARTHOLO, Roberto dos Santos Jr. **Palavra e memória nos homens-livros de *Fahrenheit 451***: a literatura de ficção científica e a contemplação das ruínas do futuro. 2009. Vol. 1. QUEIMA de livros. **Enciclopédia do holocausto**. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/book-burning#:~:text=Em%20um%20ato%20simb%C3%B3lico%2C%20quase,cultural%20que%20estava%20por%20vir>. Acesso em 27 de março 2024

Os autores e livros banidos durante o regime nazista na Alemanha. **History Channel Brasil**, 07 fev. 2020. Disponível em: [https://www.canalhistory.com.br/historia-geral/os-autores-e-livros-banidos-durante-o-regime-nazista-na-alemanha#:~:text=Entre%20as%20obras%20banidas%20pelos,Estado%20e%20a%20Revolu%C3%A7%C3%A3o%20\(Vladimir](https://www.canalhistory.com.br/historia-geral/os-autores-e-livros-banidos-durante-o-regime-nazista-na-alemanha#:~:text=Entre%20as%20obras%20banidas%20pelos,Estado%20e%20a%20Revolu%C3%A7%C3%A3o%20(Vladimir) Acesso em 29 de março 2024

OWOSEJE, Toyin. Livros clássicos de Agatha Christie serão revisados para remover linguagem ofensiva. **CNN Brasil**. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/livros-classicos-de-agatha-christie-serao-revisados-para-remover-linguagem-ofensiva/#:~:text=Livros%20cl%C3%A1ssicos%20de%20Agatha%20Christie%20ser%C3%A3o%20revisados%20para%20remover%20linguagem%20ofensiva,-Emendas%20aos%20livros&text=Os%20romances%20da%20%E2%80%9CRainha%20do,ofensivas%20para%20o%20p%C3%ABblico%20moderno>. Acesso em: 24 de agosto de 2024.

SPROER, Susanne. A noite em que os nazistas incendiaram livros pela Alemanha. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/deutschewelle/2023/05/10/a-noite-em-que-os-nazistas-incendiaram-livros-pela-alemanha.htm> Acesso em 24 de agosto de 2024

VIEIRA, Patrícia. Realidade e ficção das sensibilidades e da imaginação distópica na crise do Antropoceno. **Esboços**, Florianópolis, v. 27, n. 46, p. 350-365, set./dez. 2020.

YONESHIGUE, Bernardo. Como o Tik Tok atua no cérebro dos jovens para viciá-los nos vídeos curtos e personalizados. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/saude/ciencia/noticia/2022/04/como-tiktok-atua-no-cerebro-dos-jovens-para-vicia-los-nos-videos-curtos-personalizados-25462099.ghtml> Acesso em: 24 de agosto de 2024